

## **Natureza, recursos minerais e sertão goiano nas obras de Zoroastro**

Artiaga (1930/1940)<sup>1</sup>

Giovana Galvão Tavares<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este texto expõe a trajetória de vida e a produção cultural e/ou científica de Zoroastro Artiaga (1891-1972) entre as décadas de 1930 e 1940, entendendo-o enquanto divulgador que buscou, por meio de discussões sobre recursos minerais, apresentar o sertão goiano a Nação brasileira, utilizando-se dos meios de comunicação regional e nacional. Para esse fim, recorre-se à historiografia da ciência que estabelece diálogo com a História Cultural. Esse diálogo permite que objetos e personagens “escondidos”, ou seja, aqueles que anteriormente eram desconsiderados pela historiografia, entrem na pauta de discussão.

### **Introdução**

De maneira geral, as regiões e personagens escondidos foram, a partir dos anos 1970, alvo de interesse da História. Mulheres, crianças, trabalhadores, entre outros, transformaram-se em objetos de variados estudos que proporcionaram críticas às formas consagradas de se pensar a disciplina. A fim de contrapor o cenário apresentado, os historiadores iniciaram um repensar da concepção da história universal questionando a existência de um centro (GUARINELLO, 2004). Outros espaços foram postos a falar e a serem escutados, colocando-se em discussão alterações nas configurações metodológicas da disciplina, seja pela inauguração de nova temporalidade e espacialidade, ou ainda pelo interesse por novos personagens.

Comungando com esse repensar da História e a fim de contrapor a visão eurocêntrica predominante nos trabalhos acerca das produções científicas da América Latina, ainda nos anos 1980, os historiadores da ciência adotam novos parâmetros metodológicos para investigar as ciências nos países periféricos. Segundo Saldanã

---

<sup>1</sup> Baseado em TAVARES, Giovana Galvão. Zoroastro Artiaga – o divulgador do sertão goiano (1930-1970). Tese de doutorado, defendida no IG/UNICAMP. Julho, 2002.

<sup>2</sup> Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica. Doutora em Ciências - IG/UNICAMP.

(2000), a História da Ciência na América Latina não aparece na historiografia mundial da ciência, devido à posição metodológica mimética de muitos estudiosos que adotam visão eurocêntrica, concebendo a ciência de maneira universal e descontextualizada.

Novos parâmetros foram estabelecidos, especialmente com a consolidação da Sociedade Latino-americana de História da Ciência e Tecnologia (SLHCT)<sup>3</sup> que se dedicou, naquele momento, a construir uma comunidade acadêmica que se posicionasse contra o discurso dos países centrais acerca da C&T e olhasse para a América Latina a fim de desvendar a ciência existente naqueles países até então desdenhados pela historiografia mundial. Para tanto, esforços foram realizados pela SLHCT, bem como promoção de atividades de investigação científica nos países latino-americanos, revitalização de associações e promoção e organização de reuniões internacionais (ARBOLEDA, 1993).

Os novos olhares lançados para a História da Ciência e Tecnologia nos últimos 30 anos romperam com a mimese metodológica e abriram novos caminhos para a historiografia da ciência nas regiões periféricas. Tal processo caracterizou-se por uma modernização conceitual e terminológica e por um reclame de uma originalidade epistemológica para os que investigam a América Latina. No âmbito dessas ideias é que a História da Ciência, hoje, levanta como questões de investigação os objetos ‘escondidos’, aqueles que permitem que a História da Ciência não se desvencilhe do corpo da História, mas integre-se a uma discussão mais ampla e, também, dedique-se aos estudos das regiões escondidas, aquelas que por longo período foram consideradas como ‘lugares sem produção científica’. Sendo assim, a discussão apresentada por historiadores da ciência latino-americanos proporcionou um vasculhar de fontes e fatos históricos que evidenciasse a existência da prática científica em regiões até então desmerecidas pela cultura científica. É necessário evidenciar, para o caso brasileiro, que os estudos ainda se concentram no e sobre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, já que ali estão os principais centros que agregam os historiadores da ciência. Ainda há estados no país que nem ao menos tiveram seus arquivos pesquisados por historiadores da ciência, evidenciando um amplo espaço de trabalho. Para utilizar expressão de Benchimol (1995, p. 94) “ainda há muita escavação por fazer no território das ciências no Brasil”.

---

<sup>3</sup> A SLHCT foi estabelecida formalmente em 1982, no México, e teve como principal propósito a institucionalização e profissionalização da disciplina História da Ciência e Tecnologia nos países latino-americanos.

### **Zoroastro: sertão e integração**

Zoroastro nasceu em 1891 na cidade de Curralinho, interior de Goiás, e por lá viveu sua infância e adolescência. Na juventude assumiu o emprego de escriturário da Repartição Geral dos Telégrafos e, nos anos de 1920, iniciou suas publicações em jornais goianos e mineiros, ainda na mesma década ocupou o cargo de escrivão na Delegacia Regional do Estado na cidade de Catalão (1924-1929), já casado e com filhos. Os primeiros artigos publicados foram dedicados a rede ferroviária e a valorização econômica da terra goiana, explicitando o sentimento de pertencimento à região goiana. Em 1929, já na cidade de Goiás, iniciou seu curso superior em Direito, na Escola de Direito de Goiás, graduando-se em 1933 e entrando na Ordem dos Advogados em 1935.

Na década de 1930 Artiaga aproximou-se ideologicamente do grupo que iria politicamente governar o estado de Goiás no período do Estado Novo. Tal grupo buscava distanciar Goiás da idéia de sertão, aquela que anunciava um estado distante das povoações, das terras cultivadas, longe do litoral, pouco povoado, distante do poder central e sem projetos de modernização; e aproximá-lo definitivamente do discurso da integração nacional, especialmente, ao projeto nacional de formação territorial, em que a ocupação dos espaços vazios era um elemento crucial para a unidade do país.

Em 1936 Artiaga ocupou a diretoria da imprensa oficial e em 1937 iniciou suas atividades públicas no campo das geociências, ocupando cargo de secretário do Diretório Regional de Geografia do IBGE e de membro da Comissão de Limite do Estado. Tal Comissão teve origem na Lei Geográfica do Estado Novo ou Decreto-Lei 311 de 02/03/1938, que dispunha sobre a delimitação das malhas municipais e distritais e definia regras específicas sobre o mapeamento e a racionalização da toponímia. Em Goiás o interventor federal Pedro Ludovico Teixeira, através do Decreto-Lei n. 647 de 27/04/1938, nomeou Abel Soares de Castro e Francisco Balduino Santa Cruz e Joaquim Câmara Filho, este último substituído por Zoroastro Artiaga (Decreto-Lei n. 846 de 18/junho/1938), para elaborar o novo projeto do quadro territorial do Estado que teve como objetivo realizar estudos e definições cartográficas dos municípios goianos, originando o documento: *Divisão Territorial do Estado de Goiaz* no ano de 1940<sup>4</sup>. Tal

---

<sup>4</sup> Pesquisamos em vários arquivos de Instituições regionais (Goiânia: IBGE; Arquivo Histórico de Goiás; Arquivo da Assembléia Legislativa; Arquivo do Fórum de Goiânia; Arquivo do IHGG; Arquivo do MUZA) e nacionais (Rio de Janeiro: IBGE; IHGB; Biblioteca Nacional e Museu de Imagem e Som) mas,

documento somou-se aos dos outros estados brasileiros com a finalidade de compor uma radiografia do país.

Além disso, Artiaga participou da Comissão de Propaganda em Pró da interiorização da Capital Federal composta por goianos que pretendiam, de uma forma ou de outra, chamar atenção nacional para Goiás. Os envolvidos iniciaram campanha na imprensa escrita e falada (rádio), além é claro de a temática transformar-se em discussão regional de grande importância. Daí o papel de Artiaga de contrapor nos meios de comunicação aqueles que se expressavam contrários a localização da Capital Federal no estado de Goiás, especialmente aqueles que justificavam sua oposição tendo como argumento a natureza hostil da região goiana.

A comunidade de intelectuais a que Artiaga pertencia estava inserida num cenário de efervescente discussão, atuara a partir da primeira década do século XX, de forma mais intensa, no sentido de viabilizar um progresso futuro para o estado. Na valorização de Goiás foi utilizada, entre outros recursos, a imprensa regional e nacional (Cf. PEREIRA 1997) e, evidentemente, Artiaga foi um dos maiores colaboradores da imprensa regional. Ele associou-se a vários intelectuais regionais, formando um grupo que representava a voz do estado nos meios de comunicação e instituições culturais regional e nacional. Tal grupo, composto por Colemar Natal e Silva, Dário Délio Cardoso, Agnelo Fleury Curado, Alcides Celso Ramos Jubé, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, Joaquim Carvalho Ferreira, Herinque Silva, Hugo de Carvalho Ramos, entre vários outros, buscou incessantemente divulgar para a Nação brasileira a região goiana, apresentando seu potencial natural para o desenvolvimento econômico nacional (TAVARES,2000).

Artiaga colaborou tanto para a consolidação das ideias estadonovistas, como também para a solidificação do mencionado grupo de intelectuais no cenário regional participando da criação de instituições culturais, a saber: Instituto dos Advogados de Goiás (IAG), Academia Goiana de Letras (AGL), Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) e Museu Estadual de Goiás (MEG) e Colégio Liceu. Além das Instituições, ele participou através de publicações em revistas que tiveram destaque no

---

infelizmente, não encontramos nenhum documento, diário ou outros forma de relato que contribuísse para a discussão acerca do papel de Zoroastro Artiaga na Comissão Encarregada de Elaborar o Novo Projeto do Quadro Territorial do Estado, apenas foi evidenciado que ele participou por meio do decreto citado no texto.

cenário nacional e regional, especialmente as revistas Informação Goyana<sup>5</sup> (1917-1935) e Oeste<sup>6</sup> (1942-1945) que configuram-se como veículos de divulgação dos ideais e do conhecimento científico e/ou cultural da época. Nelas escreveu sobre diversos temas, dentre os quais se destaca os recursos minerais em Goiás.

Ainda nos anos de 1940 Artiaga assumiu a direção do Departamento Estadual de Cultura (DEC) e em suas palavras: “uma das realizações notáveis do novo Departamento foi a Exposição Permanente de Goiânia, embora os principais municípios como os de Anápolis, Ipameri e Catalão e outros não tenham ajudado. A Exposição Permanente deverá exibir mostruários de indústrias do nosso Estado, nossa riqueza latente, nossa capacidade de produção e trabalho, quer no setor rural, quer no das atividades urbanas”.<sup>7</sup>

A Exposição Permanente de Goiânia (EPG) mencionada por Artiaga foi organizada com os objetos expostos no Batismo Cultural de Goiânia (1941), evento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os Conselhos Nacionais de Geografia e de Estatística que teve por objetivo “a concretização, no coração do Brasil, de um conjunto de iniciativa da mais alta expressão cultural tem em vista sobretudo, ressaltar o notável significado histórico da criação, na hinterlândia brasileira, da nova metrópole, que, como poderoso centro propulsou constituiu um marco admirável do esforço de interiorização das nossas forças civilizadoras na continuidade de sua ‘Marcha para o Oeste’”<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> A geração que escreveu na Revista Informação Goyana era composta por um grupo de jovens goianos residentes no Rio de Janeiro e por profissionais de variadas áreas de atuação, a saber: engenheiros, médicos, professores, advogados, farmacêuticos, religiosos, políticos, historiadores e militares, entre outros, que publicaram sem interrupção cerca de 230 fascículos. A publicação da revista Informação Goyana realizava-se no Rio de Janeiro e sua circulação dava-se nos demais estados brasileiros

<sup>6</sup> Ao contrário da Revista Informação Goyana, a Revista Oeste circulou de dentro para fora, ou seja, do estado de Goiás para os demais estados brasileiros com o intuito de apresentar um estado moderno que tinha como ícone a nova capital do estado de Goiás – Goiânia. A Revista foi lançada em 05/03/1942, durante o Batismo Cultural de Goiânia, com financiamento e influência direta de Getúlio Vargas e seus ideários desenvolvimentistas e populistas. Por isso tornou-se um veículo oficial do governo, que a utilizava para divulgar assunto de interesse político, administrativo e ideológico. A Revista Oeste operou a serviço da ideologia do Estado Novo, atuando na política de interiorização de Vargas, seja na mudança da capital para Goiânia ou na Marcha para Oeste, cultuando as figuras de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira.

<sup>7</sup> Cf. correspondência de Zoroastro Artiaga, diretor geral da DEC, ao governador do Estado de Goiás Jerônimo Coimbra Bueno. Arquivos do Museu Zoroastro Artiaga. Ofício n. 83 de 27 de março de 1947.

<sup>8</sup> Anais do 8º. Congresso Brasileiro de Educação, 1942, p.4.

Os objetos exposto na EPG e enviados posteriormente para o DEC eram desde recursos naturais, folclore e aqueles que tratavam das bases econômicas do estado de Goiás. O DEC agregou para si uma infinidade de atividades que envolviam a educação; a pesquisa no campo das ciências naturais; promoção de eventos e do turismo; prestação de serviços a empresas; todas essas atividades executadas por Zoroastro Artiaga, conforme informações encontradas nos livros atas da Instituição. Na direção do DEC, Artiaga deu continuidade à Exposição Permanente de Goiânia que se caracterizava como um veículo de propaganda do estado de Goiás para os visitantes do Departamento. A Exposição dedicava-se especialmente em apresentar objetos possíveis de comercialização industrial, daí no caderno de visita do DEC ter uma quantidade considerável de assinaturas de homens de negócios ou representantes de governos de outros estados ou países, talvez se justificasse pela própria finalidade que possuía o DEC (TAVARES, 2010).

O DEC buscava promover cultural e politicamente o estado de Goiás dentro do país, tanto que uma de suas funções era de encaminhar matérias para os jornais, revistas e rádios locais e nacionais a fim de divulgar as riquezas naturais, o progresso econômico advindo da inauguração de Goiânia, entre outros temas que pudessem atrair capitais e imigrantes para o estado. Os meios de divulgação que recebiam verbas para publicação de tais matérias eram os jornais: A Manhã/RJ, A Noite/RJ, O Diário/MG, Brasil-Portugal/SP, O Anápolis/GO; as revistas O Cruzeiro/RJ e Revista Cultura/MG. Além da Rádio Clube de Goiás que, por meio do programa *Hora do Estado*, conforme afirmação do próprio Zoroastro – *criado por nós*; teve por função estabelecer o vínculo da capital com o interior goiano. E é através do DEC que Artiaga tem financiamento para suas publicações de livros, a saber: *Geologia Econômica de Goiás* (1947); *Contribuição para a História de Goiás* (1947); *Dos Índios do Brasil Central* (1947); *Minérios de Rádium em Goiás* (1947); *Monografia Corográfica do Estado de Goiás* (1949).

No decorrer dos anos de 1950 Artiaga exerceu a função de diretor no Museu Estadual de Goiás e a partir dos anos de 1960, já bastante idoso com mais de 70 anos, apenas participava das reuniões das instituições culturais que havia ajudado a fundar. Faleceu em 1972 aos 81 anos de idade.

## **Recursos Minerais nas divulgações de Zoroastro Artiaga**

Artiaga realizou em 1937 sua primeira pesquisa sobre recursos minerais em Niquelândia, município goiano, onde localizou uma vasta quantidade de minério de níquel. Desde então, em diferentes momentos de sua vida, escreveu sobre os minérios encontrados em Goiás e insistentemente buscou divulgar as riquezas e a necessidade de exploração de tais recursos para a comercialização. Isto posto, a natureza para Artiaga tinha sentido de utilitária, fornecedora de recursos para geração de riquezas, e, mais ainda, nos artigos dele prevaleceu a visão antropocêntrica e reducionista.

Em artigo publicado na Revista Oeste, em 1943, Zoroastro nos conta acerca da utilização do cristal de rocha (quartzo) e de seu papel para a indústria bélica internacional:

Grande foi o incremento notado na exploração dos minérios e minerais estratégicos dentro do Brasil e quiçá em toda a América-do-Sul. Nós, goianos, afirmamos que nenhuma região do mundo possui maiores e melhores depósitos de cristais-de-rocha, de garnierita, de óxido de titânio, de cromo e maiores furnas salitrosas do que a de Goiaz. Nossos cristais estão sendo classificados como excelentes pelos norte-americanos, os grandes compradores da nossa produção (ARTIAGA, 1943, p.543).

Artiaga afirmou em publicações a comercialização do quartzo goiano vendido para os Estados Unidos da América<sup>9</sup> e ressaltou que o Japão tornou-se, nos anos entre as guerras mundiais, comprador de materiais estratégicos do Brasil e, muita das vezes, oferecia lances mais altos do que os Estados Unidos. Segundo Quintaneiro(2006), a extração e utilização do cristal de quartzo era motivo de grande preocupação por parte dos EUA, pois era usado crescentemente para fins navais e militares nos anos que antecederam e durante a II Guerra Mundial.

É importante mencionar que o setor de exploração mineral brasileiro teve forte influência dos EUA, especialmente no Departamento Nacional de Produção Mineral, no qual vários norte-americanos ocuparam cargo de chefia. Este período é marcado por um imenso afluxo de geólogos norte-americanos, que executaram o rastreamento de praticamente todo o território brasileiro, na busca de novas jazidas de interesse

---

<sup>9</sup> Consultar os trabalhos publicados por Zoroastro Artiaga na Revista Oeste ano 02, n. 05, p. 189-190, 1943; ano 02 n. 06, p. 452-453, 1943; ano 03, n. 13, 1943, p.520-521; o artigo intitulado Riquezas de Goiás. In: Bastani, Tanus J. Minas e Minérios no Brasil (tesouros, cidades pré-históricas e minas abandonadas). Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastros S/A, 1957, p. 453-465.

estratégico. Durante o período da guerra, estes técnicos pesquisaram e descobriram indícios de petróleo, jazidas de grafita, chumbo, berilo, tantalita, cassiterita, ferro, níquel, cromo, tungstênio, zircão, apatita, manganês, alumínio, quartzo, mica, diamante, rutilo, columbita etc. Ressalta-se que grupos de brasileiros foram para os EUA para receber treinamento acerca de prospecção mineral. Sobre o assunto, Artiaga (1947, p.5) assim se expressou:

O governo federal mandou aos Estados Unidos alguns engenheiros brasileiros para se especializar na metalurgia do níquel, com minérios procedentes desta zona. Para isto, a Cia. Níquel Tocantins construiu uma pequena fábrica em Perth Amboy, New Jersey, nos Estados Unidos, onde, em colaboração com a American Smelting Refining Company, deverá ser reduzida a garnierita de Goiás. Foi também projetada uma fábrica nos moldes da pequena usina de ensaio nos Estados Unidos, que deverá trabalhar dia e noite, por turno de 8 horas. Essa turma de engenheiros vai especializar-se em Perth Amboy, estudando os progressos atuais introduzidos no tratamento do minério de níquel, assim como sua principal missão será a de se familiarizarem com os equipamentos, para que se tornem técnicos para a direção da futura siderurgia de Niquelândia.

Artiaga, apostando no discurso de modernização, buscou apresentar os minerais estratégicos encontrados em Goiás como fonte preciosa para o progresso da Nação, inclusive para serem exportados para as Nações industrializadas, especialmente, aquelas que detinham a tecnologia da produção bélica.

Outro trabalho de destaque de Artiaga e que demonstra a afirmação acima foi Geologia Econômica de Goiás (1947). O autor encaminhou 200 cópias para o Ministério das Relações Exteriores que foram distribuídas pelas missões diplomáticas para outros países. A publicação descreve as preocupações do autor com as relações comerciais estabelecidas entre os Estados Unidos da América e o Brasil, especialmente no que se refere à necessidade da consolidação de Goiás como fornecedor de matéria-prima para a indústria norte-americana.

O livro apresenta as principais riquezas minerais do estado de Goiás de interesse para os países americanos, especialmente os EUA, por deter, naquele momento, o maior desenvolvimento técnico-científico e, principalmente, fortalecer-se enquanto potência mundial. Conforme Artiaga (1947, p.3):



As atenções se voltam para o mundo dos negócios, para a produção, para as readaptações industriais, para o encontro de novos mercados fornecedores de matérias prima [...] Este livro e, portanto, oferecido ao intercâmbio das Américas, no desejo de ativar os negócios, que devem ser cuidadosamente tratados; e, antes que se desviem para os antigos fornecedores as correntes aquisitivas dos Estados Unidos, aqui estou com esta série de estudos a favor de Goiás

O livro caracteriza os recursos minerais encontrados em Goiás, considerando a estrutura geológica, a estrutura química a utilização econômica e as prospecções realizadas. O autor buscou coletar dados de identificação e localização mineral para comércio com os EUA, especialmente, por tratar-se de um período pós II Guerra Mundial, em que os países iniciavam as suas reconstruções materiais e simbólicas. Artiaga (1947, p. 6) sustenta a utilidade dos minérios encontrados em Goiás, afirmando: “Goiás está no maciço central do país, na parte mais velha do período Arqueano. Possui todos os minérios que são utilizados pelas fábricas de material bélico, pela indústria química e tudo que importa ao futuro econômico e à supremacia brasileira”

O autor recorre à participação da iniciativa privada para a exploração dos recursos minerais, apontando que o estado de Goiás não tinha um serviço geológico capaz de realizar as pesquisas de prospecção e a extração. Em Goiás, ele afirmava, a pesquisa e mineração eram feitas por amadores. O descaso do governo pelos estudos geológicos em Goiás foi outra preocupação recorrente do autor. Ele argumenta que os estudos geológicos e mineralógicos tornaram-se imprescindíveis para o progresso do estado, pois não se tratava apenas da utilidade dos minérios para abastecimento das indústrias bélicas, mas também para a construção civil e para a indústria de base.

Em suas publicações Artiaga também denuncia a presença de pesquisadores estrangeiros em terras goianas desde o início da II Guerra Mundial. Para ele, eles espionavam e contrabandeavam minérios utilizados na fabricação de armamentos. (ARTIAGA, 1943). Essa preocupação fazia parte de uma discussão nacional e internacional sobre o controle dos recursos naturais estratégicos para a indústria bélica dos países diretamente envolvidos na II Guerra Mundial. Destaca-se que, desde o final da década de 1930, a América Latina vinha se tornando uma fonte de matérias-primas para o Japão, que buscava minérios para ampliar o seu potencial bélico (QUINTANEIRO, 2006). Em 1940, os Estados Unidos estavam em alerta para o esforço nipônico de pesquisar o comércio e as condições de intercâmbio com a América Latina, por meio de missões econômicas e grupos de empresários. A aproximação do

Japão com os países latino-americanos provocou intranqüilidade no governo norte-americano, fato que motivou o controle, por parte dos EUA, do comércio dos países sul-americanos, especialmente daqueles em que se dava aquisição dos minérios considerados estratégicos para a indústria bélica (FONSECA, 1999; QUINTANEIRO, 2005).

O último material assinado por Zoroastro de circulação nacional sobre recursos minerais em Goiás foi o livro *Minas e Minérios no Brasil*. Nele há um texto de Artiaga, intitulado “Riquezas de Goiás”. O autor faz um relato ainda mais consistente acerca dos recursos minerais encontrados em Goiás e retoma as discussões sobre os minérios de rádio, níquel, feldspato, cristais de quartzo, diamante, esmeralda, entre outros. Além disso, destaca os principais pesquisadores mineralógicos brasileiros e os seus respectivos trabalhos, mencionando, entre outros, o estudo realizado em Goiás sobre as esmeraldas por Othon Leonardos, os geólogos Glycon de Paiva e Aloísio Licínio Barbosa, pesquisadores de jazidas com depósitos de garnierita. Menciona os seus próprios estudos acerca dos minérios de rádio e níquel, identificando-se como um ilustre conhecedor dos recursos minerais do estado de Goiás.

### **Considerações Finais**

Ao longo de sua trajetória de vida, Artiaga centrou suas preocupações na divulgação da região goiana para a Nação, utilizando conhecimentos no campo das Geociências para tal fim. Em suas produções textuais, por diversas vezes, construiu sua imagem como homem detentor do conhecimento sobre Goiás, especialmente no que se refere aos recursos naturais da região. Em suas publicações há um forte teor de dúvidas acerca da produção científica que *os de fora* faziam sobre Goiás, tanto que questionou, no livro *Riqueza de Goiás: geologia econômica*, publicado em 1961, os trabalhos sobre a região goiana divulgados na Revista *Mineração e Metalurgia*, principalmente aqueles acerca da utilização do cobalto. Na época, a mencionada revista era o meio de divulgação em Geociências mais respeitado do país.

Todos os temas tratados por Zoroastro tiveram, a nosso entender, como pano de fundo, a discussão sobre a integração da região goiana a Nação brasileira. Daí seu principal papel no cenário regional que, de certa forma, somou-se a outras discussões ocorridas em escala nacional; que também consideravam a integração nacional como principal motor das políticas, especialmente, nos governos de Getúlio Vargas.

Mas foi com as discussões no campo das Geociências que Artiaga se destacou no cenário regional, especialmente, quando se dedicou a divulgar trabalhos sobre os minérios radioativos. Em diferentes meios de comunicação buscou apresentar a Nação uma região com elevada quantidade de recursos minerais, valendo-se muitas vezes de um discurso emotivo, apelativo, romântico entre outras facetas da escrita que lhe propiciasse chamar atenção de empresários e do governo estadual e federal para as informações que ele, categoricamente, anunciava.

Talvez ele tenha sido o primeiro goiano a chamar atenção para tal temática e, mesmo com 80 anos de idade, ao retornar às atividades no Museu Estadual, nosso divulgador assim se expressou: *Sofri críticas desairosas e fui vítima de chacotas quando eu disse que Goiás era rico em minérios atômicos ... Fui ao Espírito Santo. Estado rico em areia monazítica, e a comparei com a areia de Goiás, com instrumentos cedidos pelo Conselho Nacional de Pesquisas. Provei que a areia goiana era rica em material radioativo, bem como outros tipos de rochas e minérios.* (Jornal *O Popular*, 16/09/1971).

### Referência Bibliográfica

ARTIAGA, Zoroastro. **Geologia Econômica de Goiaz**. Uberaba, 1947.

\_\_\_\_\_. Riquezas de Goiás. In: BASTANI, Tanus J. **Minas e Minérios no Brasil** (Tesouros, cidades pré-históricas e minas abandonadas). Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S/A, 1957, p. 453-465.

\_\_\_\_\_. Minérios de Radium em Goiaz (ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas de S. Paulo). **Revista Oeste**, p. 452 – 435, 1943.

ARBOLEDA, Luis C. De como construir una comunidad científica en la periferia. El caso de la Sociedad Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnologia (SLHCT). In: FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. LOPES, Maria M. (orgs.) **Geological sciences in Latin America: scientific relations and exchanges. Papers presented at the 18th Symposium of the international commission on the History of Geological sciences – INHIGEO**, July 19-25, Campinas/SP, UNICAMP/IG, 1993.

BENCHIMOL, J. L. Debate - Narrativa documental e literária nas biografias. **Revista Manguinhos**, vol II (2) jul/out, 1995, p. 93-112. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v2n2/a07v2n2.pdf>. Acesso 08 set. de 2009.

FONSECA, Pedro C. D. **Vargas: o capitalismo em construção 1906-1954**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GUARINELLO, Norberto L. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de história**. São Paulo, v. 24, n. 48, p. 13-38, 2004

PEREIRA, Eliane M. C. M. O estado novo e a marcha para o este História Revista. **Revista do Departamento de História**. Universidade Federal de Goiás. Vol. II, jan/jun. 1997, p. 113 -130.

QUINTANEIRO, Tânia. Plantando nos campos do inimigo: japoneses no Brasil na segunda guerra mundial. **Estudos ibero-americanos**. PUCRS, v. XXXII, n.02, p. 155-169, dez, 2006.

SALDANÑA, J. Nuevas tendencias em la historia de la ciência América Latina. **Cuadernos Americanos**, México, v. 02, n. 38, p. 69-91, mar/abr, 1993.

TAVARES, Giovana G. FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Una “casa del saber” em la región árida del Brasil: El Instituto Histórico y Geográfico de Goiás (1930-1979). La Historia de la Ciência em América Latina. **Montalban**, n. 36, junho, 2003, p. 209-224.

TAVARES, Giovana G. **A Trajetória de uma “Casa de Saber”**: o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (1930 – 1970). 154 f. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2000

\_\_\_\_\_. **Divulgação científica e recursos naturais: o papel da revista informação goyana na construção da imagem do estado de Goiás, 1917 - 1935**. I Simpósio de Pesquisa e Ensino e História de Ciências da Terra e III Simpósio Nacional Sobre Ensino de Geologia no Brasil. Disponível no site: <http://www.ige.unicamp.br/simposioensino/artigos/040.pdf> Acesso 06/06/2010.

\_\_\_\_\_. Zoroastro Artiaga – o divulgador do sertão goiano (1930-1970). 192 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2010.